

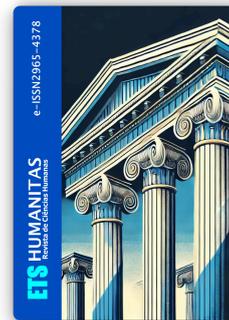
Artigo:

Arte, política e subjetividade: operações estéticas de contágio político contemporâneo

Art, politics and subjectivity: aesthetic operations of contemporary political contagion

Arte, política y subjetividad: operaciones estéticas de contagio político contemporáneo

RAMOS, W.T.; SILVA, V.R.; SANTOS, R.S.



Waldenilson Teixeira Ramos

Mestrando, Universidade Federal Fluminense,
waldenilsonramos@id.uff.br

Victória Rosa da Silva

Graduanda, Universidade Federal Fluminense, virosa@id.uff.br

Richard Silva Dos Santos

Graduando, Universidade Federal Fluminense,
silvarichard@id.uff.br

Resumo

Este artigo apresenta um ensaio teórico sobre os processos de subjetivação que operam nas interseções entre psicologia, política, arte e lutas contra a exclusão social no Brasil contemporâneo. Utilizando como base uma fala minha transcrita do evento “IX Encontro do GT Deleuze & Guattari: Arte e Política”, este estudo explora a Filosofia da Diferença (Deleuze, 2010) para abordar as questões do campo estético como ferramentas políticas de contágio. A discussão se torna urgente diante do aumento dos discursos de ódio durante o último governo, ressaltando a relevância das reflexões de Deleuze e Guattari (1996) sobre macro e micropolítica. Análises como estas tornam-se fundamentais frente ao crescimento das forças conservadoras e produtoras de desejos de aniquilamento das diferenças. Este ensaio propõe formas de resistência e existência a partir de uma abordagem crítica e analítica, considerando as dinâmicas microfísicas do poder (Foucault, 2021) e reconhece as técnicas e tecnologias afetivas que operam em níveis moleculares. Por fim, o estudo aponta para caminhos de resistência e libertação através da arte, literatura e uma política dos afetos, oferecendo uma compreensão das complexidades das lutas sociais e políticas no Brasil e a efetivação de mundos outros.

Palavras-Chave: Subjetivação. Política dos Afetos. Exclusão Social.

Ets Humanitas

Revista de Ciências Humanas

Educare et Sabere

e-ISSN: 2965-4378

Periodicidade: Fluxo Contínuo

n.3, v.2, 2024

URL: <https://esabere.com/index.php/ehumanitas>



Esta obra está sob Licença Internacional Creative Commons 4.0.
Copyright (c) do(s) Autor(es)

RAMOS, W.T.; SILVA, V.R.; SANTOS, R.S.. Arte, política e subjetividade: operações estéticas de contágio político contemporâneo. *Ets Humanitas* – Revista de Ciências Humanas, Curitiba, n.3, v.2, p.1-28, 2024. e-ISSN 2965-4378
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.12735221>

Abstract

This article presents a theoretical essay on the processes of subjectivation operating at the intersections of psychology, politics, art, and struggles against social exclusion in contemporary Brazil. Based on a transcribed speech I delivered at the "IX Encontro do GT Deleuze & Guattari: Arte e Política" event, this study explores the Philosophy of Difference (Deleuze, 2010) to address issues in the aesthetic field as political tools of contagion. The discussion becomes urgent in light of the rise of hate speech during the last government, highlighting the relevance of Deleuze and Guattari's (1996) reflections on macro and micropolitics. Analyses such as these become fundamental in the face of the growth of conservative forces and the production of desires for the annihilation of differences. This essay proposes forms of resistance and existence through a critical and analytical approach, considering the microphysical dynamics of power (Foucault, 2021) and recognizing the affective techniques and technologies operating at molecular levels. Finally, the study points to paths of resistance and liberation through art, literature, and a politics of affects, offering an understanding of the complexities of social and political struggles in Brazil and the realization of other worlds.

Key-words: Subjectivation. Politics of Affect. Social Exclusion.

Resumen

Este artículo presenta un ensayo teórico sobre los procesos de subjetivación que operan en las intersecciones entre psicología, política, arte y luchas contra la exclusión social en el Brasil contemporáneo. Basado en una charla transcrita que di en el evento "IX Encuentro del GT Deleuze & Guattari: Arte y Política", este estudio explora la Filosofía de la Diferencia (Deleuze, 2010) para abordar cuestiones en el campo estético como herramientas políticas de contagio. La discusión se vuelve urgente a la luz del aumento del discurso de odio durante el último gobierno, destacando la relevancia de las reflexiones de Deleuze y Guattari (1996) sobre macro y micropolítica. Análisis como estos se vuelven fundamentales ante el crecimiento de las fuerzas conservadoras y la producción de deseos de aniquilación de las diferencias. Este ensayo propone formas de resistencia y existencia a partir de un enfoque crítico y analítico, considerando las dinámicas microfísicas del poder (Foucault, 2021) y reconoce las técnicas y tecnologías afectivas que operan a niveles moleculares. Finalmente, el estudio apunta a caminos de resistencia y liberación a través del arte, la literatura y una política de afectos, ofreciendo una comprensión de las complejidades de las luchas sociales y políticas en Brasil y la efectivación de otros mundos.

Palabras-Clave: Subjetivación. Política de los Afectos. Exclusión Social.

INTRODUÇÃO

Após os eventos vividos na conjuntura política dos últimos anos no território brasileiro, tornam-se substanciais os debates que evidenciem as interseções entre psicologia, política, arte e as lutas contra as formas de exclusão e opressão social. Neste contexto, este artigo apresenta um ensaio teórico sobre os processos de subjetivação que operam nas interfaces dos contágios políticos contemporâneos. A partir da transcrição da minha fala no evento científico-acadêmico “IX Encontro do GT Deleuze & Guattari: Arte e Política”, especificamente na mesa “Arte, Política: Processos de Subjetivação”^[1], desenvolvo um ensaio teórico sobre a interconexão entre subjetividade, política e exclusão social. Toda a discussão é fundamentada nas contribuições teórico-metodológicas da Filosofia da Diferença (Deleuze, 2010). O trabalho recente intitulado "Por uma Escrita Imunda" (Ramos, 2022) serve como ponto de partida para um aprofundamento nas questões de afetos, arte e literatura como ferramentas políticas de contágio no cenário brasileiro contemporâneo.

A discussão torna-se urgente à medida que discursos de ódio ganharam evidência e relevância durante o último governo, ressaltando as reflexões de Deleuze e Guattari (1996) sobre como macro e micropolítica diferem em seus atributos, mas não se separam. Macro e micropolítica, molar e molecular, são modos de recortar a realidade que, apesar de terem seus próprios modos de funcionamento, não se opõem e não dizem respeito a uma ordem de grandeza, em que macro significaria processos de grande porte e micro de pequeno porte. Esses planos correspondem ao que Rolnik (1989, p. 59) denomina “[...] duas formas de individuação, duas espécies de multiplicidades, duas políticas”. As análises que abordam este campo

tornam-se urgentes diante do recrudescimento das forças conservadoras, reacionárias e produtoras de desejos de aniquilamento das diferenças, tanto nos planos materiais quanto subjetivos. Essas forças se manifestam de diversas formas, desde ódio e violência até táticas menos visíveis: contágios afetivos, desejantes e estéticos. Este ensaio teórico visa considerar criticamente esses fenômenos, propondo formas de munição política, estética e ética a partir das reflexões dessa tradição político-teórico-metodológica (Deleuze, 2010), numa tentativa de iluminar formas de resistência e existência.

Ao abordar o papel dos afetos e da arte na conformação de territórios subjetivos e políticos, este ensaio oferece uma lente para compreender e contestar as dinâmicas microfísicas do poder (Foucault, 2021). O objetivo é explorar as interseções políticas e de subjetividade nas batalhas políticas contemporâneas, interpelando as esferas de compreensão assentadas no campo racional ou ideológico e posicionando-as em um território dos diagramas das forças, penetrantes às emoções, desejos e contágios. Isso implica reconhecer que as paixões tristes (Deleuze, 2019) e os desejos de aniquilamento da diferença não são apenas produzidos por discursos explícitos de ódio, mas também por técnicas e tecnologias afetivas que operam em níveis moleculares (Deleuze & Guattari, 1996).

Por fim, este ensaio teórico contribui não apenas como diagnóstico dos problemas e desafios enfrentados no Brasil contemporâneo, mas também aposta em um plano de disputa: o plano sensível e do contágio político. Esses caminhos apontam para veredas de resistência e libertação, através da arte, da literatura e do fortalecimento de uma política dos afetos. Essa abordagem nos permite compreender as complexidades das lutas sociais e políticas no Brasil atual e oferece pistas para a construção de futuros mais inclusivos e equitativos, um devir de mundos outros. Este

debate configura-se como essencial para ampliar as observações em torno das questões limítrofes à psicologia, política, arte e exclusão social no Brasil.

SUBJETIVIDADE, ARTE E POLÍTICA: UMA INTRODUÇÃO DA EXPOSIÇÃO

Boa tarde a todos e todas! Eu me chamo Waldenilson. Sei que meu nome é meio complicado [para ser bem pronunciado], mas vocês podem me chamar de Wal, simplesmente. Sou psicólogo e me formei na Universidade Federal Fluminense no ano passado (2022). Atualmente, sou mestrando em Psicologia na linha de estudos sobre a subjetividade, política e exclusão social. Também sou autor do livro “Por uma Escrita Imunda” (2022), de onde vou extrair muitas das pistas de pensamento sobre o lugar do plano afetivo e das políticas do afeto, uma política que, [para mim], permeia a escrita, a literatura e a arte. Vou seguir essas pistas aqui. [Para uma áudio descrição]: sou um homem negro, de pele retinta. Tenho traços negróides acentuados, como lábios grossos, nariz mais achatado e arredondado, e cabelo crespo cacheado. Estou vestindo uma camisa social quadriculada, cinza e preta, meio aberta, e uso um daqueles cordões [de “pessoas de humanas”], um tipo de pedra de energia, sabe?! [Uso um cordão de pedra] pontiaguda.^[2]

Todas as falas que trouxemos e pensamos até o momento^[3] estão fundamentadas em uma concepção estética ou de arte que não se assenta no caráter técnico de uma produção [como, por exemplo,] de um quadro. Deleuze (2010, p. 215), em “O que é a filosofia?”, traça uma pista importante ao afirmar que a obra dura enquanto dura um sorriso. Ali, a pista de pensamento [opera em] um plano estético e da produção da arte do afetivo, [ou por assim dizer,] dos afetos, que não é do plano do regime visual ou dos olhos. É aqui que talvez já estejamos dialogando e refletindo.

LUGAR DA MINHA ENUNCIACÃO

[Diante disso] acho importante também explicitar minha posição. Minha perspectiva é um tanto antropofágica, no sentido de que devoro os autores que estou interessado em entender. [Me pergunto]: o que, na carne deles, me fortalece para pensar? E é a partir desse devorar, que vou, junto a outros autores, entendendo e descobrindo como posso formar uma outra multidão em mim, [uma multidão] confeccionada em mim. Então, [para dizer do referencial teórico que me norteia,] trago uma multidão de pensadores: dialogo com Conceição Evaristo (2019), Nego Bispo (2023), Deleuze (2010) e Foucault (2021). São eles que, até o final da minha fala, pretendo [utilizar]. Quero chegar ao ponto de compreensão da estética como plano em disputa, como plano de produção de desejo, e [questionar]: como forças reacionárias e fascistas utilizam técnicas e tecnologias afetivas para propagar não apenas paixões tristes, mas desejos de aniquilamento da diferença? Minha fala seguirá mais ou menos essa direção. Depois, podemos abrir [para o público] para dialogar um pouco mais.

Na obra “O que é filosofia?”, Deleuze (2010) nos fala sobre um enquadramento estético, uma experiência que nos informa do durar da arte enquanto perdura um sorriso. Ali está uma pista de pensamento importante para entendermos a arte não como uma técnica para produzir um quadro, mas como a criação de uma gramática afetiva, ou seja, uma operação no plano imanente da nossa subjetividade que talvez nos ajude a olhar para o presente. Minha concepção de filosofia é um tanto kantiana, no sentido de fazer um diagnóstico do presente para entender nossos a priori históricos, talvez não tão transcendentais, mas nossos piores históricos mesmo. É nessa analítica dos a priori [que se torna possível vislumbrar as matrizes de] produção de subjetividade, um campo para entender as forças produtivas do nosso tempo.

UM DIAGNÓSTICO DAS FORÇAS NESTA TERRA

Tentando me valer, então, dessa [concepção estética sensível e um diagnóstico que considera os processos históricos como condição para a compreensão de nossa subjetividade hoje], uma questão se configura como central para entender o que vivemos durante o período do governo Bolsonaro e as atualizações das forças nesses momentos. Talvez [aqui] eu corra o risco de dizer que o fascismo começou com a ascensão de Bolsonaro em 2018. É importante frisar que outras forças já estavam presentes neste território, [uma terra] que foi a última a abolir a escravatura [na América Latina]; um país que recentemente concedeu o direito ao voto às mulheres; um país de profundas desigualdades sociais, econômicas e políticas. É nessa mesma terra que agora observamos um projeto de lei que visa vetar a possibilidade de casamentos homoafetivos (Wandermurem, 2023); esse é o território que habitamos. E essas são as forças de combate que circulam por aí. [Portanto, atualiza-se a questão]: o que foi a ascensão do bolsonarismo? Como operou a propagação do afeto do bolsonarismo em nosso território?

As contribuições e denúncias da jornalista Patrícia Campos Mello (2020) nos auxiliam na análise da operação dessa tecnologia afetiva no campo cibernético, demonstrando como a extrema direita no Brasil compreendeu os jogos discursivos na internet e se utilizou desse campo para propagar um sentimento e uma ideologia. Diante desse cenário, fica uma questão política e ética: quais foram os usos das redes sociais? Como operaram com memes e outras publicações na internet? Qual foi o papel das imagens? Qual foi a produção estética tão utilizada por essa força que foi o bolsonarismo? E para quem se posiciona do outro lado desse campo de disputa, os mais progressistas, mais à esquerda no espectro político, como disputar nesse espaço que não é nem absolutamente ideológico nem

absolutamente material, mas entre essas dimensões, por assim dizer: virtual? [Nas eleições de 2018, nos posicionamos vociferando a palavra de ordem: “ele não!”. Reiteramos: “Ele não, olha como ele é racista!”; “Ele não, vejam só o que ele falou, misógino”; “Ele não, ele é homofóbico”. [Seguimos repetindo, gritando para o Brasil] ele não, ele não, ele não... E, naqueles dias, vimos que, à medida que íamos dizendo “ele não”, os votos dele aumentavam e sua aparição emergia cada vez mais, se estabelecendo cada vez mais como um forte candidato. [Para todos nós que estávamos mais à esquerda], parecia que o fascismo à brasileira ganhava valência e cor, tornando-se a camisa verde e amarela. Era uma valência de uma estética, ou seja, de um modo de existir e de desejar. A performance de masculinidade era análoga ao que se poderia dizer, em senso comum, um “grosseirão”, uma espécie de caminhoneiro reaçã. Em outro momento, a performance teatral (Goffman, 2014), às vezes, nesse mesmo espaço público/virtual, era a de um homem humilde. E como ele aparecia na cena? E como ele não aparecia? Por exemplo, quando não apareceu nos debates, mas como aparecia nas redes sociais. Talvez agora esteja mais claro para nós que esta figura nos mostrou uma tática política, uma estratégia de efetivação de aparição e disputa política nos espaços públicos. Essa operação tática e estética sobre sua própria existência e suas formas de expressão e enunciação de quem ele era para o público configurou-se como uma espécie de estética existencial na cena pública e política. Nesse cenário teatral e performático, enquanto estávamos a denunciar e reiterar “ele não”, e ele, de certa forma, se valia disso, tornou-se possível observar um contágio cada vez maior. O que talvez não tenhamos compreendido, naquele jogo de disputa política, é que não se tratava de forma alguma exclusivamente de conscientização, mas sim de um campo nodal da subjetividade brasileira.

Acredito que, ainda hoje, estejamos em uma posição herdada demais de um racionalismo, uma espécie de compreensão de que nossas prisões decorrem da falta de uma razão libertadora, como se nos faltasse consciência. De fato, talvez eu esteja denunciando um problema que certa parte da tradição marxista já tenha superado, todavia, as últimas tensões políticas e nossos posicionamentos – dos mais progressistas aos mais radicais – nos deram a condição de analisar nossas teorias implícitas: “uma falta de consciência das massas e das camadas populares”. Ficou explícito que há um classismo e elitismo operantes e encarnados em muitas de nossas posições, no espectro político à esquerda. [Ainda acreditamos que basta uma espécie de consciência para] que o proletariado se libertaria e pudesse se emancipar. Esse é um equívoco. Acredito que há em nosso imaginário coletivo a ideia de que esses corpos explorados se emancipariam das lógicas de funcionamento do capital na medida em que tomassem consciência. Ou seja, nossa luta e nossa proposição de mundo se construiriam, então, em direção a uma concepção de tomada de consciência da nossa exploração, passando por uma doutrina libertária emancipatória.

DIAGRAMA DE PODER DAS PAIXÕES: O CAMPO DO DESEJO ENQUANTO ESPAÇO DE DISPUTA

Diante daquele cenário, algumas apreensões foram adquiridas. Para uma compreensão mais ampliada sobre a produção de subjetividade e o contexto neofascista de nosso tempo, o espectro político mais à esquerda deve vislumbrar outros planos de disputa: um plano de disputa pela alma brasileira. Esse campo só poderá ser melhor analisado à luz da aparição concreta das múltiplas determinações e das pluralidades de forças que coabitam o território brasileiro (Tiburi, 2019). Esta direção de análise encontra eco em hipóteses anteriormente levantadas pela perspectiva

marxista, que aposta que: “O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece [na estrutura social] como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida [...]” (Marx, 1982a, p. 14). Neste campo de disputa política, uma disputa pela alma do Brasil, encontra-se algo profundo: uma luta não apenas ideológica, mas também das paixões.

Enquanto denunciávamos: “ele é homofóbico”, “ele é misógino” e “ele é racista”, de forma direta ou implícita, ele afirmava: “Sou homofóbico, sim, com muito orgulho” (Minervino, 2019, p. 1). Quanto à acusação de misoginia, sua resposta se posicionava para que fosse assimilado a um homem humilde e simples, que não compreendia o que a suposta nova geração inventava. Ele enunciava: “Nem sei o que é isso. Quando ouvi pela primeira vez, tive que pesquisar [...] Então, se eu não gosto de mulher, é sinal de que eu gosto de homem. Quem não gosta de mulher gosta de homem, é isso?” (Poder360, 2021). E ao denunciarmos o racismo que ele operava, dizíamos: “Vejam só como ele é racista”. Ele vai à Hebraica em São Paulo e diz: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas (arroba é uma medida usada para pesar gado; cada uma equivale a 15 kg). Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve” (Veja, 2017), e o público aplaude [na Hebraica] gritando: “Mito! Mito! Mito!”. Todo aquele cenário parecia como se nós denunciássemos: “Olhem o que ele faz” e ele respondesse: “Sim, eu faço isso e tenho orgulho”. Em outros momentos, ele se valia da posição de: “Eu nem sei o que significam essas coisas que eles dizem... Vocês sabem? Não... Então somos iguais”. Nesse jogo teatral de performances e insinuações, o Brasil assistiu à ascensão cada vez mais acintosa dessa figura e de novas formas de propagação de ódio.

O que desejo aqui, nesta exposição, é construir e ensaiar uma análise que nos permita compreender uma interface do desejo que não seja óbvia.

Considero importante expressar que, nesta terra, há também um desejo de aniquilamento operante em nós. Nessa direção propositiva de reflexão, torna-se possível olhar para a expressão de pressionar o número 17 nas urnas: os votos expressam um confessorário impessoal. Talvez os votos nos tenham dito que sim, ele representa muito do que há no Brasil, muitas forças presentes em nossos territórios. Como já dito, essas forças não são tão novas assim; na verdade, correspondem às profundas raízes históricas que constituem esta nação. As forças reacionárias sempre estiveram na história do Brasil. Não foi à toa que o grito “Mito! Mito! Mito!” se tornou mais frequente. Aquela figura expressava o que há de mais profundo na alma de um território marcado por tantas lutas. Foi como se ele dissesse novamente as vezes que, em algum momento, começasse a ter vergonha de dizer... nossos desejos mais sórdidos de aniquilamento das diferenças. Esse é o sentido estético que considero importante colocar em questão aqui neste debate: uma estética que não tem a ver com técnicas de construção de um quadro, mas uma experiência que expressa a operação estética nisto que Deleuze (2010) dirá: “Enquanto dura um sorriso” (p. 215), como força de afetação. Além disso, mais do que uma experiência de apreciação, trata-se de uma tática política quando utilizada na visibilidade do público: uma tecnologia das paixões. Por isso, Goffman (2014) é tão preciso ao analisar a vida cotidiana e pública como uma performance teatral. No fundo, o que há são estéticas existenciais e performáticas. Apostar nessa leitura não significa dizer que a vida é falsa; ao contrário, a vida nua é pura expressão de almas. Todavia, não podemos ignorar um setting que torna determinados afetos mais possíveis enquanto outros são mais acometidos, dependendo do arranjo e dos demais que contracenam no espaço. [A figura do Bolsonaro] e suas formas de se colocar politicamente e esteticamente estão intimamente ligadas com a performance de sua vida, com o desejo de ódio e

aniquilamento dessas dissidências e uma série de outras forças, essas que vos falo que são tão constituintes do Brasil, sempre estiveram contracenando com o quadro estético de sua forma pública.

DIAGRAMA DE PODER DAS PAIXÕES: O CAMPO DO DESEJO ENQUANTO ESPAÇO DE DISPUTA

Tecido algumas dessas análises, um sentimento que diminui nossas formas de agir pode ser produzido aqui e agora. Talvez um pouco disso seja semelhante ao que vivemos ao nos depararmos com o resultado das eleições presidenciais de 2018. Fomos cooptados por um contágio de luto, não é mesmo? Eu não sei o quanto vocês viveram essa experiência, um afeto de profunda tristeza, uma tristeza que diminuiu em muito a nossa potência de agir e pensar no mundo. Almejando constituir resistências e possíveis desvios dessas posições que diminuem as potências de nossas almas, e querendo encontrar outras forças de contágio e outras forças de subjetivação, neste momento, quero construir reflexões que vislumbrem os caminhos que nos restam. Sobre esse destino, autores, pensadores e músicos têm trazido uma lição interessante para nós.

Bia Ferreira (2018), na música “Cota não é esmola”, expressa em um trecho [algo importante], a música diz:

Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola
Experimenta nascer preto na favela pra você ver
O que rola com preto e pobre não aparece na TV
Opressão, humilhação, preconceito
A gente sabe como termina, quando começa desse jeito
Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais
Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais
Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé
Não tem dinheiro pro busão
Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão

E já que tá cansada quer carona no busão
Mas como é preta, pobre, o motorista grita: Não!
E essa é só a primeira porta que se fecha
Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa
Chega na escola, outro portão se fecha
Você demorou! Não vai entrar na aula de história
Espera, senta aí, já dá uma hora
Espera mais um pouco e entra na segunda aula
E vê se não atrasa de novo, a diretora fala
Chega na sala, agora o sono vai batendo
E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que
Se a passagem é 3, 80 e você tem 3 na mão
Ela interrompe a professora e diz, 'então não vai ter pão'
E os amigos que riem dela todo dia
Riem mais e a humilham mais
O que você faria?

Aqui, gostaria de propor uma análise de um outro uso estético. Essa música tem uma direção íntima com uma construção de imagem, ela é propositiva na construção de um referencial imaginário outro. Essa música confecciona uma estética existencial. Bia Ferreira (2018) coloca em sua escrita mais do que uma proposição de uma tomada de consciência sobre a experiência negra no Brasil. Ela está interessada no contágio, sua composição lírica nos provoca: “tem muitas coisas que não te disseram na escola, cota não era esmola!”. Caso vocês tenham visto a performance dela [nos vídeos de suas apresentações], vocês poderão observar que ela vai aumentando o tom e vai olhando [para o público]. Torna-se evidente que ela não está apenas interessada em construir uma razão, algum tipo de educação que leve o público a uma suposta clareza. Diria o contrário disso: sua performance estética infere no setting da sua apresentação um contágio político. Naquele espaço, na visibilidade do seu palco, sua performance operacionaliza um contágio. Ela nos produz um afeto, a operação cirúrgica teatral ali nada mente, ao contrário, nos joga, em nossas caras, a verdade vivida por muitos corpos negros no Brasil. Para me valer de algo já expresso

por Deleuze (1992, p. 32): com todo o seu corpo e sua existência, sua arte se dirige “aos inconscientes que protestam” contra esse mundo.

À medida que a música avança, parece que Bia Ferreira (2018) fala de sua própria vida, singular e privada. Contudo, eu diria que não, não se trata de expressar sua vida íntima e individual. Ela não está falando da singularidade de sua vivência, mas expressando uma experiência segundo as concepções de Walter Benjamin (1996). Para uma vista mais panorâmica, torna-se elementar indicar que não há relato sem experiência. Nisso, aposta-se também nos sentidos amplos de experiências, como já evidenciado por Walter Benjamin (1996), diferenciando a experiência de vivência. “Para Benjamin, a experiência constitui um traço cultural enraizado na tradição, enquanto a vivência ou experiência vivida remete para a vida particular do indivíduo, na sua inefável preciosidade e na sua solidão” (Aquino, 2010, p. 47). Essa diretriz nos instrumentaliza para que se torne possível localizar a experiência no campo da cultura, a partir dos determinantes que são cultivados e mais amplamente repetidos em um campo de habitação, tornando possível a reflexão de que a experiência não pertence ao campo privativo do sujeito, mas abre para o campo de possibilidade e análise de uma ontologia do presente (Freitas, 2012). Nessa direção, busca-se reivindicar a trajetória de toda escrita, estética ou produção, marcando tudo que habita ali. A experiência enquanto habitação no território é aquilo que nos infecciona e se torna comum. A música de Bia Ferreira é encharcada de experiência, ou seja, ela indica um mundo que atravessa a artista e sua música não expressa algo particular dela, mas um mundo onde habita o seu corpo, aquilo que lhe deu condição de possibilidade de expressar, contagiar.

Ao tomarmos sua música como denúncia e expressão de um mundo, constitui-se, por vezes, um risco, a direita brasileira intitula por “mimimi”. Nesse contexto, teríamos: “Ai meu Deus, mais uma vez ela vai dizer que o

pobre, o preto vai morrer”; “Ai meu Deus, o preto coitadinho, ele não conseguiu estudar”. E me permitam dizer que a questão é mais séria e profunda do que esses ditos. Talvez eu tenha que dizer mais do que isso: se acreditamos nessa narrativa, adoeceremos. Bia não está interessada nisso. Outra pista importante encontra-se em outro trecho, outra música: “Não precisa ser Amélia” (Ferreira, 2018):

Tome minha boca pra que eu só fale
Aquilo que eu deveria dizer
A caneta, a folha, o lápis
Agora que eu comecei a escrever
Que eu nunca me cale
O jogo só vale quando todas as partes puderem jogar
Sou Frida, sou preta, essa é minha treta
Me deram um palco e eu vou cantar
Canto pela tia que é silenciada
Dizem que só a pia é seu lugar
Pela mina que é de quebrada
Que é violentada e não pode estudar
Canto pela preta objetificada
Gostosa, sarada, que tem que sambar
Dona de casa limpa, lava e passa
Mas fora do lar não pode trabalhar
A dona de casa limpa, lava e passa
Mas fora do lar não pode trabalhar
A dona de casa limpa, lava e passa
A dona de casa

O que Bia Ferreira (2018) certamente convoca não é para um lugar fechado, menor e triste. Ao contrário, há um sentido de transformação social, um sentido de movimentação e transformação deste mundo.

Conceição Evaristo (2019), em seu livro “Becos da memória”, toma sua escrita como vivência da experiência. Por assim dizer, a escrevivência é assumida enquanto “[..]a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil.” (Oliveira, 2009). Há aqui uma tática da sua

estética existencial que se aproxima da análise que acabamos de realizar sobre as composições de Bia Ferreira. Logo no início do seu livro, ela dissertará:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. [...] Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (Evaristo, 2019, p. 17).

Não há medo, não há vergonha, não há uma posição depreciativa ou uma subalternização de sua existência ou território-mãe. Na realidade, a autora toma a condição de sua existência como campo de aposta estética de sua literatura. Há aqui uma produção de uma memória outra, uma performance ética-política. Para expressar o papel político e cívico da escrevivência, Evaristo deixa claro que ela inventa, ela cria. Ela faz devir negro. E talvez esse seja um gesto de convocação e chamada de um consciente que protesta, não para voltar aos processos de cristalização do que foi dito que é ser negro. Ela está falando de uma alegria, está falando de um axé!

Escrevivência. Está aí a manifestação biunívoca material e vivível da tecnologia escrita. A escrevivência, em sua primeira linha perceptível, se coloca como a marca escrita de um corpo negro que inscreve a sua existência no cenário político e histórico do Brasil. A estreita relação de sobrevivência e o exercício de legitimar a estética da sua vida é disputada por essa arma ficcional. Conceição Evaristo (2019) inaugura a terceira edição de uma de suas maiores obras apostando no teor inventivo de sua memória, corpo e

vivência. A autora coloca no jogo narrativo a dupla vetorização do viver e disputar, faz-se escrever:

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido, venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos*, está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência* (p.13).

Nesse duplo jogo de narração, a autora faz da ficção uma tecnologia de vida e experiência – por ela chamada de vivência. Na mesma medida que a autora inventa em sua narrativa, Evaristo põe em disputa narrativa o que há de factual na experiência negra no Brasil.

Aqui, neste contexto, fica uma reflexão mais difícil de compreensão: um gesto da escrita que inventa, mas não mente; a verdade diz de algo absolutamente real na experiência negra no Brasil. Acredito que nossa dificuldade de compreensão desta proposição se dá por conta de nossas heranças racionalistas que tornam muito evidente que: “A” é igual a “A” e diferente de “B”. Como uma invenção pode ser real? Aqui se encontra uma inflexão necessária para que possamos nos debruçar sobre o sentido tecnológico da literatura, como condição de afecção neste mundo, denunciando-o. A literatura de Evaristo (2019) diz muito de seu corpo, principalmente, no que tange à condição de seu corpo neste mundo e tudo que o atravessa. Porém, em nada nos informa de sua condição privativa e singular; sua escrita evidencia as multiplicidades que habitam os becos de sua favela. Trata-se de múltiplas linhas, trata-se de subjetividade imunda (Ramos, 2022).

[Ainda sobre nossas colonizações] um colega realizou uma fala na UFF e, neste mesmo dia, ele se apresentou como um homem negro, apesar de sua pele clara. A plateia ficou indignada, houve uma confusão na UFF e vieram conversar comigo: “Como assim ele é negro? Val, você acha que aquele cidadão é realmente negro?” Um pouco sem saber como responder, devolvi: [Depende...] O que você está chamando de negro? O que é negro para você? Me responderam: “Ah, porque ele não é vítima de bala perdida. A polícia não vai parar ele... então não sei se ele é um corpo matável, sabe?”. Foi então que entendi a complexidade da questão que causou tanta confusão e respondi: Então, ser negro é ser um corpo matável? Ser negro significa estar pronto para morrer? Isso é tornar-se negro ou é essa a condição que a colonidade nos quer? Isso é ser negro ou é uma visão da dominação sobre os negros? Quais são as concepções de ser negro que estamos reivindicando? Se for isso, em nada tem a ver com minhas lutas. Então, não sou negro. Eu não acredito que sou isso. Não é à toa que vocês brancos sentem tanta pena de nós e tanto nos diminuem; vocês apenas nos veem como tristeza.

É sobre esse contexto que afirmo que Conceição Evaristo (2019) e Bia Ferreira (2018) nos oferecem, com suas performances literárias e líricas, uma condição outra para disputar esse plano imanente das produções de afeto. Suas invenções são suas resistências. Elas nos instrumentalizam para algo que Neuza Santos Souza (2021) já havia colocado: a negritude é necessário “tornar-se negro”. Essas direções, nesse plano da arte que nos afeta, tocam nossas almas e têm muito a ensinar ao campo progressista e suas lutas contra o fascismo. Há uma urgência em se tornar, em plano sensível da alma do Brasil, uma força que nos leve a constatar: é preciso tornar-se negro, tornar-se mulher, tornar este mundo um mundo outro. Encontra-se aqui, nessa arte que toca e provoca a alma, um devir revolucionário. Quero deixar claro: eu não estou falando em nada de uma

tomada de consciência [ou programa estabelecido de revolução]. Como já disse, o campo marxista já compreendeu bem isso. Estou falando de aberturas.

TOMADA DA VIDA COMO UMA OBRA DE ARTE: GESTOS PARA MUNDOS OUTROS

Para essas direções, implica-se algumas questões: quais são as condições de possibilidade para que essas aberturas possam acontecer? Digo-lhes que a arte me parece um bom convite. Nisso, a arte me parece um belo convite para um contágio de mundos outros, de uma tomada de si enquanto obra de arte (Foucault, 2010) – [Trata-se de uma estilística da existência]. Há uma aula de Foucault (2010) que eu gosto muito, [o nome deste curso é] “A hermenêutica do sujeito”. Então, é uma leitura do sujeito na hermenêutica, leitura e interpretação do sujeito. Ali, [Michel Foucault (2010)] está interessado [em investigar o que os gregos estavam chamando] de uma tomada da vida como uma obra de arte. São esses caminhos que tornam possível traçar pistas e condições de possibilidade de indagação desta interioridade, uma tecnologia que convida a subjetividade moderna a não apenas confessar “quem verdadeiramente se é”, mas a uma verdade sobre si absolutamente interna: “Quem eu verdadeiramente sou? Quem eu sou na minha essência? Preciso me encontrar no trabalho do divã”. A genealogia proposta por Foucault sacode e coloca em evidência esse discurso, não só de maneira a interpelá-lo, mas desnaturalizando esse enunciado sobre si. Foucault aponta como esses lugares e discursos capilarizaram uma vontade de saber, enquanto um sistema de exclusão, assentado em algo que ele intitulou como hermenêutica do sujeito. Estaríamos sob o seguinte dito/palavra de ordem: “Você precisa encontrar seu desejo, é preciso encontrar esses processos inconscientes sobre si e

torná-los conscientes. Somente assim você poderá entender a verdade sobre si”.

[Em sua investigação, Foucault constata que] os gregos não pensam assim. Podemos dizer que eles estariam interessados em pensar em *ethos*, a *autopoiese*. Há uma chave de leitura importante: a tomada da vida como uma obra de arte (Foucault, 2010). São essas direções que viabilizam um outro pensar sobre a performance da vida, não mais sobre “quem verdadeiramente se é”, mas sim sobre como eu confecciono a mim a partir de uma série de exercícios. Uma série de exercícios, aí está algo central para efetivar essa *autopoiese*... porque não é fácil, não é algo que se dá apenas na consciência ou por um exercício da razão pura, mas algo que se volta sobre si mesmo, interessa que isso seja sobre o corpo e na cena pública. Nisso se descreve as funções de *ethos*, algo em si na relação com os outros. As reflexões e os achados de Foucault (2010) apontam essa série de exercícios em si e sobre si nas relações com os outros, encontra-se a agonística de si, um combate de si. Foucault resgatou o cuidado de si e a agonística de si e combate consigo. Para que haja uma ética da vida como uma obra de arte e nisso uma saída para outras invenções, é o que será fundante para uma prática de cuidado de si, uma atitude filosófica que faz com que o sujeito seja responsável e protagonista de sua própria vida nas relações com os outros. [Há uma sofisticação importante aqui, o cuidado de si é uma atitude relacional e pública].

Esses autores, como Bia Ferreira e Conceição Evaristo, estão chamando e convocando por um afeto, por uma afecção pública. Elas são inventivas com suas vidas. Todas essas autoras efetivam um *ethos* de contágio da vida política, sempre nas direções da criação. Acredito que para que possamos resistir a essas forças que ainda estão aí, essas forças de aniquilamento da diferença e de mais forças fascistas, precisamos pensar

quais são as políticas de contágio [que podemos operar com nossas vidas, tomando a própria vida como essa obra pública que opera um afeto político, contágio]. Nesses sentidos, lutamos para construir, também, condições de possibilidade outras das estéticas de nossas existências. Acredito também que essas disputas ocorrem micropoliticamente, na vida cotidiana e pública, em nossas relações de amizade, relações familiares, amorosas, etc. Mesmo nesse setting que vos falo, ainda que pareça com um dispositivo pastoral, onde eu falo e vocês me olham em silêncio, apenas balançando a cabeça, acredito que haja algo a se disputar e contagiar aqui. Contagiar vocês para que possamos pensar outras formas de contágio que não sejam de cristalização, mas que, além disso, nos convidem para mundos outros.

Bom... é mais ou menos isso que pensei em compartilhar com vocês. Vou ficar por aqui com minha fala e primeira exposição. Qualquer coisa, podemos abrir [para o público] para mais questões e seguir conversando a partir daí. Obrigado, gente!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda a exposição possibilitada por este manuscrito, torna-se imprescindível salientar que não se almeja expor uma concepção única sobre o que seria todo o contágio bolsonarista. Pelo contrário, o presente trabalho traça pistas sobre parte desse fenômeno, debruçando-se sobre a interface do campo estético. Nesse sentido, todo o pensamento ensaiado sacode as interfaces do bolsonarismo, o que faz evocar na cena do debate a violência que está por trás do campo estético impregnado na caricatura do ex-presidente brasileiro. Ademais, por meio desta escritura, busca-se explicitar como todo esse fenômeno está encarnado em parte da racionalidade brasileira, o que é perigoso. Para que seja possível pensar a matriz desse desejo à violência política, autores como Luiz Antônio Baptista

(1999) nomeiam esta produção discursiva como “amoladores de faca”. O autor afirma:

O fio da faca que esquarteja, ou o tiro certo nos olhos, possui alguns aliados, agentes sem rostos que preparam o solo para esses sinistros atos. Sem cara ou personalidade, podem ser encontrados em discursos, textos, falas, modos de viver, modos de pensar que circulam entre famílias, jornalistas, prefeitos, artistas, padres, psicanalistas etc. Destituídos de aparente crueldade, tais aliados amolam a faca e enfraquecem a vítima, reduzindo-a a pobre coitado, cúmplice do ato, carente de cuidado, fraco e estranho a nós, estranho a uma condição humana plenamente viva. Os amoladores de facas, à semelhança dos cortadores de membros, fragmentam a violência da cotidianidade, remetendo-a a particularidades, a casos individuais. Estranhamento e individualidades são alguns dos produtos desses agentes. Onde estarão os amoladores de facas? (p. 46).

Com o perigo reverberando pelos espaços e a violência direcionada ao diferente dos status quo, emergiu a necessidade de realizar denúncias em cenas públicas — universidades, postes, pichações, redes sociais, entre outros. A impetuosidade deste documento é tamanha, uma vez que exacerba como essas denúncias tiveram seus sentidos revertidos pela direita. Dessa forma, aquilo que emergia na forma de discurso contra essa força fascista (as enunciações direcionadas ao ex-presidente) como “misógino, racista, xenófobo” foi usado por esse movimento como caracterização daqueles que faziam parte desse grupo.

Num cenário como esse, é preciso ser e assumir a sua identidade como ato estético de resistência. Precisamos em algum momento usar as armas do inimigo em nossa defesa, como bem diria Nego Bispo (2023). É preciso encarnar, em forma de paixões alegres, o que é ser negro, ser homossexual, ser nordestino, sulista; é necessário se vestir daquilo que nos é sensível à subjetividade e que para o inimigo é visto como estigma. A possibilidade de

ser e viver assume em todas as suas partituras o contágio para resistir e superar. A convocação para a dança do diferente transborda as fronteiras e faz florescer outros mundos que priorizem a igualdade social, racial, relacionada ao seu gênero, seu corpo, etc. Por intermédio da estética, se faz possível essa possibilidade do viver sem opressão ou a possibilidade de morrer por destoar dos status quo, como aconteceu com o Mestre Moa (G1 BA, 2018), Marielle Franco (Souza, 2024) e Marcelo Arruda (Gimbelli, 2022).

Essa fala se dá em meio a um campo que, até hoje, se manifestava extremamente em disputa material e subjetiva. A diferença de 1,8% dos votos entre o candidato eleito e o não eleito indica, mais do que nunca, uma mudança na política de combate à extrema direita. Não cabe mais centrar nossos esforços em uma estratégia rasa de conscientização. Tal cenário explana a forma como a extrema direita recorre à desinformação e à propagação de um desejo de aniquilamento da diferença, uma vez que mobilizou paixões antissistema de milhões de pessoas que se sentem desassistidas e deixadas para trás. Sendo assim, combater essas mensagens não se resume em desmentir o que é dito, mas sim dar respostas às questões que estão na raiz desses sentimentos, o que não ocorrerá se continuarmos negando o cenário de aprofundamento das desigualdades e dos discursos opressores no contexto brasileiro (Nunes, 2022).

Para fazer política transformadora, é preciso tensionar as mediações de modo a abrir novos caminhos possíveis, deixando de demarcar uma posição independentemente de qualquer contexto e, sim, descobrindo no aqui e agora. Essa direção, nos implica a uma posição mais transformadora, capaz de conseguir o máximo de adesão e produzir os maiores efeitos – de maneira a abrir objetivos maiores no futuro (Nunes, 2022). Nisso, a literatura e a arte parecem instrumentos estéticos capazes de dar corpo a essa nova militância. Se insistirmos em uma ação de denunciar por

denunciar, estaremos apenas amolando mais facas. O que nos resta é apostar no vir a ser e crer no dever do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Janine Honorato de. O conceito de experiência no pensamento benjaminiano. **Revista Cadernos Walter Benjamin**, v. 4, n. 1, p. 46-56, Janeiro a junho, 2010. Disponível em: <https://www.gewebe.com.br/pdf/cad13/caderno_04.pdf>. Acesso 5 de março de 2024.
- BAPTISTA, L. A. **A atriz, o padre e a psicanalista: os amoladores de facas**. In: **Cidade dos sábios** (pp. 45-49). São Paulo: Summus, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos autobiográficos**. 1. ed. Teresa Rocha Barco, Madrid: Alianza Editorial, 1996.
- Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica**. Jornal online: O veja, 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica>>. Último acesso em 4 de junho de 2024.
- DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre spinoza (vincennes, 1978-1981)**. 3. ed. Fortaleza: EDUECE, 2019.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Micropolítica e segmentaridade**. Tradução de Suely Rolnik. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- Em live, Bolsonaro defende trabalho infantil: 'Deixa o moleque trabalhar'**. Jornal online: Poder360, 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/em-live-bolsonaro-defende-trabalho-infantil-deixa-o-moleque-trabalhar/>>. Último acesso em 4 de junho de 2024.

EVARISTO, Conceição. **Becos Da Memória**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

FERREIRA, Bia. **Bia Ferreira - Cota Não é Esmola | Sofar Curitiba [Vídeo]**. YouTube: Canal Sofar Latin America, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QcQIaoHajoM>>. Último acesso em 5 de junho de 2024.

FERREIRA, Bia. **Bia Ferreira - Não Precisa Ser Amélia - Ao Vivo no Estúdio Showlivre por Vento Festival [Vídeo]**. YouTube: Canal Showlivre, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eafn3B5KVII>>. Último acesso em 5 de junho de 2024.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. Editora. WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FREITAS, Francisco Augusto C. A HABITAÇÃO COMO ESPAÇO DE HABITUAÇÃO. *Revista Exagium*, v. 10, n. 10, p. 125-136, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/exagium/article/view/5922>>. Acesso 13 de março de 2024.

GIMBELLI, Gilvana. **Assassinato de tesoureiro do PT por bolsonarista: dois meses após crime, acusado ainda não foi ouvido pela Justiça**. Jornal online G1, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/09/09/assassinado-tesoureiro-do-pt-dois-meses-apos-crime-acusado-que-e-apoiador-de-bolsonaro-ainda-nao-foi-ouvido.ghtml>>. Último acesso em 17 de junho de 2024.

GOFFMAN, Erving. **Representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis: Editora vozes, 2014.

G1 BA. **Investigação policial conclui que morte de Moa do Katendê foi motivada por briga política; inquérito foi enviado ao MP**. Portal G1 [online].

Bahia, 17 out, 2018. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/google/amp/ba/bahia/noticia/2018/10/17/investigacao-policial-conclui-que-morte-de-moa-do-katende-foi-motivada-por-briga-politica-inquerito-foi-enviado-ao-mp.ghtml>> Último acesso em 17 de junho de 2024.

HOFFMANN, Christian. O desejo de servidão voluntária e a violência: O corpo do poder, o corpo social e o corpo do gozo. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 38, p. 45-51, dez. 2012. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 jun. 2024.

MELLO, Patrícia Campos. *A máquina do ódio*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MINERVINO, Tiago. 'Sou homofóbico, sim, com muito orgulho', diz

Bolsonaro em vídeo. Jornal online: *Catraca Livre*, 2019. Disponível em:

<<https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/>>. Último acesso em 04 de junho de 2024.

NUNES, R. *Do transe à vertigem: Ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, Aug. 2009. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200019&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 5 de junho de 2024.

RAMOS, Waldenilson. *Por uma escrita imunda: as sujeiras e as*

(in)pregnâncias da vida no gesto literário. 1. ed. Minas Gerais: Sunny, 2022.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. 2. ed. Brasília: AYÔ, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. 1. ed. São Paulo: UBU Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

SOUZA, R. ARAÚJO, V. MAGALHÃES, L. E. GRINBERG, F. **Disputa política motivou o assassinato de Marielle a implantação de falsa testemunha, diz PF**. *Jornal O Globo* [online]. Rio de Janeiro, 25 mar. 2024. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/google/amp/rio/noticia/2024/03/25/disputa-politica-motivou-do-assassinato-de-marielle-a-implantacao-de-falsa-testemunha-diz-pf.ghtml>> Último acesso em 17 de junho de 2024.

TIBURI, Márcia. **Delírio do poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

WANDERMUREM, Isadora. **Casamento homoafetivo: o que acontece se projeto de lei que proíbe a união for aprovado?**. *Jornal OUL (Terra)*, 2023. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/nos/casamento-homoafetivo-o-que-acontece-se-projeto-de-lei-que-proibe-a-uniao-for-aprovado,118ecba71ee4ea2b14800226cf049086apvofzwo.html?utm_source=clipboard>. Acesso em 30 de maio de 2024.

Notas:

^[1] Este evento acontece anualmente em diferentes polos de filosofia do Brasil. A apresentação aqui em questão foi realizada no ano de 2023, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), no departamento de filosofia. A mesa que foi formada, teve a realização de sua exposição realizada no dia 16 de outubro de 2023, das 13 horas e 30 minutos às 15 horas e 30 minutos, conforme consta no site da programação do evento:

<https://gtdeleuzeguattari.blogspot.com/2023/09/programacao-final-ix-encontro-do-gt.html>. Todo o evento foi gravado e disponibilizado aos autores, possibilitando, desta maneira, a produção deste artigo.

[2] Forma de incluir pessoas com deficiência visual, baixa visão e/ou afins. Além disso, tal postura informa de uma posição política, assumindo a deficiência como multiplicidade inerente do ser humano. Nisso, não é preciso averiguar se há pessoas com deficiência ou não na plateia, essas pessoas não devem ser incluídas apenas nas suas presença, ao contrário, o espaço precisa, a priori, ser inclusivo para que essas pessoas possam adentrar tais espaços, a inclusão precisa ser realizada antes, o terreno precisa ser fértil para a chegada dessas pessoas.

[3] Aqui me refiro aos meus outros colegas de mesa que realizaram exposições antes desta.